

V. 75

8. BN

# S E R M A Ó N A P R O F I S S A Ó D A R. M A D R E A S E N H O R A M A R I A J O A Q U I N A D E S. J O S E P H

F I L H A D O S I L L U S T R I S S I M O S , E E X C E L L E N T I S S I M O S  
S e n h o r e s M a r q u e z e s d e A n g e j a .

N o R e l i g i o s i s s i m o M o s t e i r o d a C o n c e i ç a ã o d a L u z ,  
e m d i a d a s C h a g a s d e N. P. S. F r a n c i s c o , e s t a n d o  
e x p o s t o o D i v i n i s s i m o S a c r a m e n t o d o A l t a r .

Q U E D E D I C A  
A O I L L ã , E E X C <sup>mo</sup> S E N H O R .  
D. P E D R O J O S E P H  
D E N O R O N H A ,

P A Y D A N O V A P R O F E S S A . M A R Q U E Z D E A N G E J A , C O N D E  
d e V i l l a - V e r d e , s e n h ã o d e s t a V i l l a , e d o s l u g a r e s d e L a p a d u ç o , P o r -  
t e l l a d o S o l , R e c h a l d e i r a , d a s V i l l a s d e A n g e j a , B e m p o ſ t a , e P i n h e i -  
r o , e d o s l u g a r e s d e S. M a r t i n h o d e S a l r e g o , F e r m e l à u s , F e r m e l a i n h a ,  
C a n e l l a s , P i n h e i r o , e B r a n c a , A l c a i d e - m o r , e C ô m e n d a d o r d e A l j e z u r .  
d e S a n t a M a r i a d e P ê n a - m a c o r , e d o P r e f i m o n i o d e S. S a l v a d o r d e  
M o u c o s , G e n t i l h o m e m d a C a m e r a d e S. M a g e s t a d e , s e u C o n s e l h e i r o ,  
e V e d o r d a f a z e n d a , &c.

S E U A U T H O R O P .

F r. A N T O N I O D O E S P I R I T O S A N T O  
A N D R A D E .

R e l i g i o s o d e N. P. S. F r a n c i s c o , n a P r o v i n c i a d e P o r t u g a l .



L I S B O A : M. D C C . L V I I I .

---

a O f i c . d e J O S E P H D A C O S T A C O I M B R A .

C o m t o d a s a s l i c e n ç a s n e c e s s a r i a s .

L 2417

2/8109

САМОДЕЛКА  
ОБРАЗОВАНИЯ  
АНДРОГИНИИ

ДУСИОЗЕПИ

ДИКИЕ СОКИ И СЫРЫ  
В АРХОЛОГИИ

СИНОДОГИНОДОКИИ  
ДИДИДЕ

LP 252.02  
18 A553b



Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

ILL.<sup>MO</sup>, E EX.<sup>MO</sup> SENHOR.



*E a arte de imprimir se inventou para conservar na posteridade dos seculos aquellas ac-*

\* 2 coēs

31309

çõeſ heroicas , que com a sua vene-  
ravel memoria servem de assombro ,  
e de erudiçāo para os futuros , fica  
desculpavel a confiança de se pôr na  
publicidade do prélo este Sermaõ ;  
porque o naõ move a vaidade de ap-  
parecer , ſenaõ a virtude de publi-  
car a todo o mundo , è fazer perma-  
nente na sua memoria a heroica re-  
ſoluçāo da ſenhora D. M<sup>aria</sup> Jose-  
fa de Noronha , que ſe fez admirá-  
vel no noſſo ſeculo , e ſe fará fru-  
tuosa para os vindouros , ſervindo  
de liçaõ para os futuros , o que ſer-  
ve de assombro para os presentes ;  
porque a ſanta , e invariavel reſo-  
luçāo com que esta ſenhora deixou  
na flor da idade , e na esperança da  
melhor fortuna tudo o que o mundo  
mais ama , para que clauſurada nos  
apertos do religiosíſimo Moſteiro  
di Conceiçāo ſe prohibiſſe para ſem-  
pre

pre a todas as delicias , de que se compõem a bemaventurança da terra , o generoso animo , com que desejo do throno da mayor soberanía , em que a pôs o nascimento na primeira ordem da grandeza , para subir ao altar em que se consagrhou a Deos como victima da mayor mortificaçao , he huma empreza taõ dificultoſ: ao coraçao humano , que se Deos naõ lhe inspirara o designio pela sua graça , e lhe fortificara a execuçao pelo seu premio , naõ caberia na fragilidade das forças humanas : Esta razaõ , porque os Santos Padres lhe chamaõ o mayor heroísmo , he a que me obriga a publicar este Sermaõ ; para que no seu objecto se aprenda o desengano mais fructuoso na liçaõ da mais nobre heroicidade , e no seu assumpto se leao as considerações , que desvaneçem os te-

temores , com que se olha para este  
santo estado , e se quebrem os laços ,  
com que o mundo embaraça as crea-  
turas para o seu amplexo ; e como  
importa , que vá seguro no credito ,  
ja que está obrigado a publicar-se  
na estampa , só em V. Excellencia  
devo buscar esta protecção ; não só  
porque bastará ler-se nelle o seu so-  
berano nome , para que o mundo o  
veja com respeito ; mas porque ten-  
do de casa o mayor Mecenas , não  
devia buscar em outra parte o pa-  
trocinio : nem quem firma os olhos  
no Sol fica com vista para o exame  
de outro objecto . A circumstancia  
de Pay desta Excellentissima Se-  
nhora , com as qualidades de hum  
perfeito Principe , que adornaõ a  
V. Excellencia para a veneração  
universal , também obrigaõ a sua  
bondade para a particular protec-

ção

ção  
a e  
exi  
grá  
des  
que  
hui  
rir  
ja ,  
cen  
tuá  
cor  
ren  
que  
obje  
das  
nio  
con  
cen  
aos  
tra  
cer

çāo desse papel; e mē persuado, que  
a generosidade do seu espirito, a  
excellencia da sua virtude, e a  
grandeza do seu nascimento, naō  
desprezaraō este acto de devoçāo,  
que lhe dedico; porque nasce de  
hum affecto, que se pudesse confe-  
rir a V. Excellencia quanto dese-  
ja, nunca lhe faltariaō nem os in-  
censos para o culto, nem as esta-  
tuas para a veneraçāo. Bem dis-  
corro, que neste obsequio poderei  
renovar-lhe o preciso sentimento,  
que lhe causou a separaçāo de hum  
objecto taō amavel pela qualidade  
das virtudes, pela bondade do ge-  
nio, e pelos laços do sangue; mas  
como em V. Excellencia prevale-  
cem os sentimentos da Religiaō  
aos da natureza, deixará pene-  
trar-je de huma santa alegria, na  
certeza, de que se he muito o que  
per-

nde o deo nesta separaçā, ainda he  
mais o que esta Senhora ganha no  
seu retiro, e naõ deve ser assumpto  
para a pena, o que he argumento  
para a gloria ! he verdade, que  
bem podia buscar o Ceo por outro  
estado menos austero, e para V.  
Excellencia menos saudoso, como  
lhe teria preparado, e persuadido a  
sua admiravel conducta ; mas co-  
mo esta Senhora estava destinada pa-  
ra huma virtude mais perfeita, e  
mais heroica, nem a sua vontade  
podia resistir a hum auxilio taõ po-  
deroso, nem o amor de V. Excel-  
lencia deve mostrar sentimento em  
huma resoluçā taõ santa ; e se ainda  
assim lhe for custoso este retiro, só  
deve criminar aquella excellente, e  
virtuosa educaçā, que lhe deu, de  
que se seguiu esta resoluçā, que  
agora o enternece : a santa doutri-

na,

he  
no  
ito  
ito  
ue  
ro  
V.  
no  
ra  
:o-  
ra-  
e  
de  
ro-  
el-  
:m  
da  
só  
, e  
de  
ue  
ri-  
,

na, que semeou no seu cordão fez fru-  
tificar esta virtude; e se o fructo foi  
mais copioso do que V. Excellencia  
queria, tenha a consolação, que se a  
presença de huma filha tão amavel  
não faz o prazer dos seus olhos, as  
orações de huma Esposa de Jesus  
Christo farão a maior felicidade da  
sua casa, conhecendo como razão  
mais efficaz para o seu allivio; que se  
esta Senhora veyo ao mundo para ir  
para o Ceo, bastava, que viesse, e não  
era necessário, que se estabelecesse nas  
suas fortunas; porque não deve fazer  
estação nas confusões do seculo, quem  
nasceu para viver nas delicias do Pa-  
raíso; e mais gloriosa será para a sua  
alma, e maior honra para a casa de  
V. Excellencia, que morra santa, do  
que viva magestosa. Com estas santas  
considerações deve V. Excellencia  
vencer todas as paixões do affecto, e

\*\*

che-

che yo de huma virtuosa alegria ren-  
der a Deos muitas graças , de que  
désse a esta Senhora huma taõ heroi-  
ca , e effectiva vocaçāo , que fez co-  
nhecer ao mundo a efficacia da Divi-  
na graça , e poderá persuadir-lhe hu-  
ma imitaçāo gloriosa do seu religioso  
espirito. Alegre-se V.Excellencia em  
considerar na sua illustre casa mais  
huma heroina da santidade ; porque  
no Religiosissimo Mosteiro da Con-  
ceiçāo, que elegeo para a sua clausu-  
ra , aonde as virtudes , e os bons ex-  
emplos saõ vivas , e contínuas liçoēs  
da piedade , e da Religiao , nos põem  
na bem fundada esperança , de que  
sempre será fiel ás inspiraçōēs do Ceo :  
porque tem nos exemplos huma con-  
tinua , e edificante liçaō , e na vontade  
hum prompto , e effectivo espirito ;  
e Deos que fez nascer no seu cora-  
çāo taõ santas intençōēs, as fará fru-

Etificar

etificar com a sua graça , de cujos  
fructos se conhacerá a bondade da  
arvore, de que sahio, sendo honorifico  
para a casa de V.Excellencia, o que  
for fructuoso para a sua alma. Esta  
he a nobreza , com que devo ador-  
nar a dedicatoria , seguindo o mesmo  
espirito desta Senhora , que só com  
as virtudes quiz ennobrecer a sua  
casa; e permitta-me V.Excellencia,  
que por respeito cale o illustre do seu  
sangue , a soberania dos seus titulos,  
a antiguidade do seu nobiliario , e a  
grandeza dos seus Heróes ; porque  
naõ deve subir a tanto a humildade  
da minha penna ; que para o Sobera-  
no fez-se o respeito, e naõ a discricaõ;  
e querer examinar os rayos do Sol ,  
foi temeridade , que ja fez perder a  
vista a Aristophanes ; e com a consi-  
deraçao, de que he muito pobre de ex-  
preçoes a minha voz, para este obse-

\*\* 2 quio,

quio, porque até a Fama hē pobre de  
linguas para o seu elogio, me aceite  
V. Excellencia com esta pobreza, e  
com a da offerta, para que busco a  
sua veneravel protecção, tendo a  
bondade completa, não só para o pa-  
trocinio que busco, mas tambem pa-  
ra considerar, que supro as faltas  
do entendimento, nos excessos da de-  
voção, com que desejo levantara V.  
Excellencia as estatuas dos mon-  
tes, e fazer-lhe a pintura dos Ceos:  
Deos guarde a V. Excellencia mui-  
tos, e felices annos, como reveren-  
temente lhe deseja

De V. Excellencia

Seu humilissimo servo, e Capellaõ

Fr. Antonio do Espírito Santo Andrade.

LI.

# LICENÇAS, DA ORDEM.

Approvaçao do M. R. P. Fr. Manoel  
de S. Damazo, Prégador Jubilado, Con-  
sultor da Bulla da Santa Cruzada, Aca-  
demico da Real Academia, Padre da  
Custodia de San-Tiago menor na Ilha da  
Madeira, e dos Seminarios de Varato-  
jo, e Brancanes, Ex-Custodio, e Chro-  
nista da Santa Provincia de Portugal.

## JESUS, JOSEPH, MARIA, IMMACULADA.

Nosso Reverendissimo Padre Ex-Mini-  
stro Géral, Commissario Géral desta  
Cismontana Familia.

**M**Anda-me V. Reverendissima re-  
ver o Sermaõ, que o R. Padre  
Fr. Antonio do Espírito Santo  
Andrade, Prégador Jubilado, e Ex-Secre-  
tario desta Santa Provincia de Portugal, re-  
citou no Religiosissimo Mosteiro de N. Se-  
nhora da Conceiçao, e da Ordem da mes-  
ma

ma Conceição immaculada , sito no lugar ,  
ou valle da Luz , junto desta Corte de Lis-  
boa , na profissão , que no dia 17. de Se-  
ptembro do corrente anno , em que a nossa  
Serafica Religião , e a universal Igreja an-  
nualmente solemniza a portentosa impres-  
saõ das Chagas glorioas , por Christo S. N.  
no purissimo corpo de N. P. S. Francisco ;  
fez Soror Maria Joaquina de S. Jozé , filha  
dos Illustrissimos , e Excellentissimos Mar-  
quezes de Angeja , e que diga o que sinto  
sobre elle.

Aceitando eu sempre , N. Reverendis-  
simo Padre , com mayor veneração , e res-  
peito , os preceitos de V. Reverendissima ,  
este o recebo tambem , como lisonja do meu  
gosto , pelo grande desejo , que tinha de lêr  
este Sermaõ , porque naõ tive a fortuna de  
o ouvir recitar. E posto que na liçaõ lhe  
falte aquelle férido , e vital espirito com  
que este clarissimo Orador anima os seus  
apostolicos Panegyricos , com tudo , elle os  
lavra com taõ facunda , e fecunda eloquer-  
cia , com taõ efficaz persuasiva , e attracção  
taõ forte , e suave , que quem como eu o  
tem ouvido prégar , sente interiormente ,  
quando os lê na estante , os mesmos affe-

ctos ,  
os ot  
escre  
livro  
ment  
nios  
mag  
priiss  
R. I  
de ,  
Sern  
das v  
ritua  
aque  
a fin  
vel i  
ciou  
tissim  
clau  
Chr  
mp  
rafic  
ta ca  
segu  
de C

ctos, e effeitos, que experimenta, quando os ouve recitar no pulpito.

E se o maximo Doutor S. Jeronymo, escrevendo a Santa Marcella, disse, que os livros eraõ eternos, e verdadeiros monumentos, e imagens dos engenhos, ou genios dos seus Authores; eu digo, que este magistral Panegyrico, he verdadeiro, e propriissimo protótypo do ardente espirito do R. P. Fr. Antonio do Espírito Santo Andrade, que todo se dirige a persuadir nos seus Sermoés o desprezo do mundo, e sequito das virtudes, pelo caminho da cruz.

Pois nelle , em elevado assumpto espiritual , e mystico persuade este sequito , e aquelle desprezo á IllustriSSima professante , a fim de mais affirmar , e estabelecer immutavel na heroica resoluçāo , com que renunciou a nobilissima , antiquissima , e opulentaSSima casa de Angeja , recolhendo-se no claustro religioso , para abraçar a Cruz de Christo. Propondo-lhe para a imitaçāo o exemplar do N. , e tambem seu Patriarcha Serafico. Porque se elle renunciando a opulenta casa de seus nobres , e illustres Pays , conseguiu na Religiaçāo , pelo caminho da Cruz de Christo , a gloria das suas Chagas ; tambem

bem

bem a illustrissima professante , pôde ( como ascetica , e efficazmente lhe persuade ) conseguir na clausura , senaõ a gloria da impreſsaõ das Chagas , por ser nesta mortal vida , portento taõ singular , que naõ cabe na imitaçaõ , e só para a admiraçaõ serve ; sim a gloria da Bemaventurança , como premio dos predestinados.

A consecuçaõ deste premio , que Santo Hilario intitula *non plus ultra* de todos os bens , lhe facilitou com huma taõ celebre , como peregrina , e donosa metamorphose : transformando os horrores dos açoutes , dos espinhos , dos cravos , da lança , e dos mais martyrios da cruz da Religiao , que he a mesma de Christo , em fragrantes flores , e deleitaveis delicias , quando por amor do Divino Esposo se abraçaõ.

Transformaçaõ , e metamorphose , que prova , persuade , e intima com tanta erudiçaõ , energia , efficacia , e fervor de espirito , que a naõ preceder a este eloquente , e ascetico Panegyrico , a heroica resoluçaõ da Illustrissima professante , com taõ inimitavel constancia , que triunfou das prisoẽs da natureza , da opulencia , e da soberania ; e o que mais he , das ternissimas preces , e carinhosas

rinhosas rogativas de seus Illustríssimos, e excellentíssimos Progenitores, rompendo por todas estas quasi invenciveis difficultades, para se abraçar com a Cruz de Christo, e da Religiao no Claustro religioso; seria sem dúvida, poderosíssimo auxilio, para a resolvér a heroicidade deste mesmo obsequioso sacrifício, e holocausto.

Mas se não servio de auxilio, para a resoluçao, servirá de estimulo, para a perseverança; não só á nova professa, mas a todas as maes Religiosas. Fazendo-se, que o mesmo Panegyrico, que foi documento particular, fique sendo universal motivo, por beneficio do prélo; de que o julgo digníssimo, assim pelo que deixo demonstrado, e expandido, como por não conter periodo, que seja dissonante ás orthodoxas doutrinas, Concilios, e Decretos da Igreja Catholica, nem aos Estatutos da nossa Serafica Religiao. Este o meu parecer, V. Reverendíssima mandará o que for servido. Neste Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, 12. de Novembro de 1757.

*Fr. Manoel de S. Damazo.*

\*\*\*

*Appro-*

10/5109

*Approvaçāo do M. R. P. M. Fr. Jozé  
de Santa Maria Medina, Lente Jubilado  
na Sagrada Theologia, e Custodio  
actual da Santa Provincia de Portugal.*

**N. Reverendissimo Padre, Ex-  
Ministro Géral, Cōmissario Gé-  
ral da Cismontana Familia.**

**P**or ordem de V. Reverendissima  
vî o Sermaõ da Profissão de Soror  
Maria Joaquina de S. Jozé, filha  
dos Illustrissimos, e Excellentissimos Mar-  
quezes de Angeja, que no Religiosissimo  
Mosteiro de N. Senhora da Conceição, si-  
to no lugar, ou Valle da Luz, junto desta  
Corte de Lisboa, prégou o R. P. Fr. An-  
tonio do Espírito Santo Andrade, Prégador  
Jubilado, e Ex-Sacretario desta Santa Pro-  
vincia de Portugal, no dia 17. de Septem-  
bro deste presente anno; e confessô na ve-  
dade, que antes de o ler, fiz hum acertado  
juizo da sua singularidade, sem que ponha  
ao Author na obrigaçāo, de me agradecer  
o conceito: pois he tributo, que pago a to-  
das as suas acçōes, e obras; porque ja mais

**o vi,**

Jozé  
Jubi-  
stodio-  
gal.

Ex-  
ré-  
•

ima  
Soror  
filha  
Mar-  
ssimo  
, si-  
desta

.An-  
rador  
Pro-  
tem-  
ver-  
rtado  
onha  
decer  
a to-  
mais  
vì,

o vi, que naõ admirasse nelle a mais religiosa modestia, nem lhe fallei, sem que ouvisse a locuçaõ mais discreta. Assim o posso afirmar, sem recear que me notem de encarecido.

Em quanto a elogiar o Sermaõ, digo que só o poderá fazer com equidade, quem como elle souber transformar as mortificações rigorosas de huma vida religiosa nas mais suaves delicias; ou como diz S. Bernardo, quem tiver a efficacia do seu ardente espirito: *Niminem narrare posse, qui non vivat de Spiritu, quo ille vixerit.* E naõ eu, que álem de me faltar huma, e outra coufa, me acho revestido com a circumstancia de domestico: *Laudet te alienus, e non os tuum; extraneus, e non labia tua.*

D. Bern.  
int. ejus  
oper.

Prov. c. 7.  
v. 2.

Corraõ pois por conta dos estranhos, os bem merecidos aplausos de taõ douto Panegyrico; pois nelle acharáõ mais sentenças, que palavras, e mais conceitos, que syllabas; tudo com taõ admiravel união eniaçado, e com taõ engenhosa syncopa discorrido, que naõ só acharáõ os discretos subtilezas para satisfaçãõ do seu gosto, mas tambem admiraveis doutrinas, para aproveitamento do seu espirito, que he o que recõ-

D. Aug.  
tom. 3.  
lib. 4. de  
do & tr. Chri-  
stian. c. 18.

menda aos Pregadores Euangelicos, o grande P. Santo Agostinho: *Oportet enim eloquentem Ecclesiasticum, quando suadet aliquid, quod agendum est, non solum docere, ut instruat, .... verum etiam delectare, ut vincat.* E como em nada lhe descubro, nem ainda o mais leve defeito, em tudo o julgo dignissimo do prélo. Este o meu parecer, V. Reverendissima ordenará o que for servido. Convento Real de S. Francisco da Cidade de Lisboa, 14. de Novembro de 1757.

Er. Jozé de Santa Maria Medina.

Fr,

gran-  
elo-  
t ali-  
cere,  
are,  
bro,  
tudo  
meu  
que  
incis-  
vem-  
na.

**F**R. Pedro Juan de Molina, Leitor de Sa-  
grada Theologia, Theologo de la Mage-  
stade Catholica en su Real Junta por la Im-  
maculada Concepcion, Ex-Ministro General  
de toda la Orden de Menores de N.P.S Fran-  
cisco, y en esta familia Cismontana, Comissario  
General, Visitador Apostolico, y siervo, &c.

Por el tenor de las presentes , y por lo  
que à nós toca , concedemos nuestra bendi-  
cion , y licencia , para que con el examen , y  
approbacion *in scriptis* del Padre Chronista  
Fr. Manoel de S. Damazo , y del Padre Ju-  
bilado , y Custodio , Fr. Joseph de S. Ma-  
ria , hijo de nuestra Provincia de Portugal,  
puedan dar-se a la prensa el Sermon , que  
ha predicado el P. Fr. Antonio del Espiri-  
to Santo Andrade , hijo de la sobre dicha  
Provincia , en la profession de la hija de los  
Señores Marquezes de Angeja , y en todo lo  
de mas se observaran los Decretos del Santo  
Concilio de Trento: *Ac cæteris de jure ser-  
vandis.* Dad en este nuestro Convento de S.  
Gerardo , y seu Comissario Ministro de Be-  
lalcasar , em 30. de Septembro de 1757.

*Fr. Pedro Juan de Molina ,*  
Comissario General.

Por M. de Su Rev<sup>ma</sup>

*Fr. Juan Alfaro Coronada ,*  
Secretario General por la Observancia.

Fr,

12/3109

# DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçāo do M. R. P. M. Fr. Manoel  
do Nascimento, Qualificador do San-  
to Officio, &c.*

ILL<sup>mos</sup>, E R<sup>mos</sup> SENHORES.

**O**Sermaõ inclusõ, que prégou o Padre Fr. Antonio do Espírito Santo Andrade, Religioso de S. Francisco, na Profissão da filha dos Illustriſſimos, e Excellentíſſimos Marquezes de Angeja, em o Mosteiro da Conceição da Luz; he legitima producção do espirito, e engenho do seu Author, e não contém couſa alguma contra a Fé, ou bons costumes, que lhe possa difficultar a licença que se pertende, para sahir a luz públīca. Este he o meu parecer, VV. Illustriſſimas Reverendíſſimas, ordenaraõ o que forem servidos. Santa Joanna aos 2. de Dezembro de 1757.

*Fr. Manoel do Nascimento.*

Vista

**V**ista a informaçāo, pōde-se imprimir o Sermaō que se apresenta ; e depois voltará conferido , para se dar licença que corra , sem a qual naō correrá. Lisboa 6. de Dezembro de 1757.

*Sylva. Abreu. Trigozo. Sylveiro. Lobo.*

**DO**

## DO ORDINARIO.

*Approvaçao do M. R. P. M. Fr. Antonio  
de Santa Maria dos Anjos Melgaço, Dou-  
tor na Sagrada Theologia, pela Univer-  
sidade de Coimbra, Lente da mesma fa-  
culdade, nos Reaes estudos de Mafra,  
Examinador Sinodal da Santa Igreja Pa-  
triarchal, e Padre mais digno da Pro-  
vincia de Portugal.*

EX<sup>mo</sup>, E R<sup>mo</sup> S E N H O R.

**S**Atisfazendo ao preceito de V. Illustris-  
sima, vi o Panegyrico, que na Pro-  
fissão da R. Madre e senhora Maria  
Joaquina de S. Jozé, filha dos Illustríssimos,  
e Excellentíssimos Marquezes de Angeja,  
disse o R. P. Fr. Antonio do Espírito San-  
to Andrade, Prégador Jubilado, Ex-Secre-  
tario desta Província de Portugal, e Digno  
dos maiores empregos della. Sem recurso  
pois a mais expressões com referir o nome  
do Panegyrista, tenho dado a minha appro-  
vaçao. Elle he tão conhecido, e se tem fei-  
to tão famoso em todo este Reyno, nas re-  
petidas producções da Oratoria sagrada, que  
quem

quem ouve o seu nome , logo se lembra de  
hum Religioso Menorita , magestoso no di-  
zer , composto nas accoēs , polido nas pa-  
lavras , agudo nos conceitos , claro nas ex-  
posiçōes , firme no discurso , proprio nas  
Escripturas , moral nas doutrinas , ingenioso  
nas rethoricas , fiel na memoria , e agrada-  
vel na pronúncia , qualidades , que raras ve-  
zes se achaō juntas , e com felicidade se en-  
contraō neste Sermaō , genuino exemplar  
de eloquencia. Este he o meu parecer , V.  
Excellencia determinará o que for servido.  
Convento de S.Francisco da Cidade, em 10.  
de Dezembro de 1757.

*Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço*

**V**ista a informaçō , pôde- se imprimir  
o Sermaō , de que se trata ; e depois  
torne para se dar licença para correr. Lisboa,  
12. de Dezembro de 1757.

*D. J. Arcebispo de Lacedemonia.*

\*\*\*\*

DO

141 S109

# DO PAÇO.

Approvaçao do P. M. Joaõ Baptista, da  
Congregaçao do Oratorio, &c.

SENHOR.

**V**io papel, de que trata esta petiçao.  
Nada contém contra as leys de V.  
Magestade, porque se faça menos  
digno da luz pública. V. Magestade manda-  
rá o que for servido. Lisboa, na Casa de  
N. Senhora das Necessidades, 7. de Janeiro  
de 1758.

Joaõ Baptista.

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças  
do Santo Officio, e Ordinario; e de-  
pois de impresso tornará a esta Mesa para se  
conferir, e taxar, e dar licença para cor-  
rer, sem a qual não correrá. Lisboa, 10. de  
Janeiro de 1758.

Duque P. Carvalho. Doutor Velho.

L I

**LICENÇAS,**  
DO SANTO OFFICIO.

**P**O' de correr. Lisboa 4. de Abril  
de 1758.

*Sylva. Abreu. Sylveiro Lobo.*

**DO ORDINARIO.**

**P**O' de correr. Lisboa 4. de Abril  
de 1758.

*Costa.*

**DO PAÇO.**

**Q**ue possa correr. Lisboa 6. de Abril  
de 1758.

*Com quatro Rubricas.*

*Si*

15/8109

## ЛІГЕНДА

Qde costos. Tipos de API

3281-9b



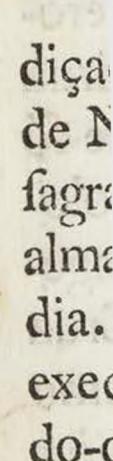
Find A job At your local O\*

.8281 9b

9



.8251.9b





*Si quis vult post me venire abneget  
semetipsum, et tollat Crucem  
suam, et sequatur me.* Math. 16.



U M heroico desprezo  
do mundo com as suas  
delicias, é hum amoro-  
so amplexo da Cruz de  
Jesus Christo com as  
suas mortificações, são  
as maximas, que contêm  
o Euangelho para a eru-

dição do Christianismo : os merecimentos de N. P. S. Francisco , para a impressão das sagradas Chagas , e as heroicidades de huma alma , que fazem a celebriidade deste grande dia. O voluntario desprezo do mundo , que executou o nosso Santo Patriarcha , deixando-o como herança participada á sua filiação,

A para

para fundamento da Ordem Serafica , foi o caminho por onde subio á Cruz de Jesus Christo , em que mereceo a singular graça de se imprimirem no seu corpo , como flores do amor , as Chagas , que abrio a tyrannia no Corpo de Jesus Christo , como execuções do odio ; e este Serafico espirito communicado a esta alma , que hoje se consagra a Deos pela Profissão , he o que a fez desprezar o mundo com todas as grandezas , com que a lisongeava a posse , e a esperança ; para que buscando na Religiao o caminho da Cruz , colhesse entre os espinhos da mortificação transitoria as flores da felicidade eterna.

Desprezar o mundo com todas as suas grandezas , naõ he a mayor heroicidade do espirito ; porque atéqui chegou a Filosofia do Paganismo , como nos adverte S. Jéronymo ; mas despreza-lo para abraçar a Cruz de Jesus Christo com hum amplexo , que só poderá dissolver a morte , esta he a Theologia , que hoje nos ensina o sancto Euangellho ; porque como neste amplexo da Cruz se representa o estado da Religiao , como nos faz entender o Picinelo : *Crucis nomine*

Mo-

S. Hieron.  
lib. 3. in  
Matth. c. 19.

Picin. Mun.  
di Symb.  
lib. 14. c. 7.  
n. 48.

Moi  
vida  
selho  
verb  
incli  
negi  
sequ  
gaçã  
na. c  
Pot  
Chr  
tura  
voti  
abn  
peri  
-100  
ven  
sem  
sua  
tenl  
pen  
mo  
dez  
que  
ca  
ma

Monasterium intelligere licet, he sem dúvida, que este Euangelho se termina ao conselho da vida religiosa, que por isso nos tres verbos, de que se compõem o Thema, se incluem os tres votos da sua Profissão: *Abneget semetipsum, tollat Crucem suam, & sequatur me.* O voto da Obediencia na abnegação da propria vontade, o da Castidade na cruz, e na mortificação da carne, e o da Pobreza no sequito, e na imitação de Jesus Christo, como expõem o meu S. Boaventura: *Ex quo elicitur triplex consilium, & votum Religiosorum, scilicet obedientiae in abnegatione, castitatis in cruce, & paupertatis in subsecutione.*

Apud Pol.  
tom. 3. p. 2.  
collat. 11.  
n. 3334.

Desta doutrina, e exposição de S. Boaventura, venho a inferir, que deixar tudo sem seguir a Jesus Christo no caminho da sua Cruz, será huma ceremonia vãa, que tenha por consequencia a miseria, e o arrependimento; querer abraçar a Cruz, e a mortificação de Christo, sem deixar as grandezas da terra, será huma virtude commûa, que sujeita ás inconstancias do mundo, nunca chegará ao eminentíssimo grau de perfeita; mas a observancia destes dous conselhos

será encher todo o espirito do Euanghelho , com que a alma chegue a entrar na ordem superior da perfeição Catholica , pelo amorofo amplexo da vida religiosa ; e esta lição do Euanghelho , que despertou o Serafico espirito do Nossa P. S. Francisco , para fazer na sua rigida observancia o heroico merecimento , e a sublime gloria , com que hoje o festejamos , he a maxima , por que se governou esta alma , que na Profissão religiosa quer hoje executar a mayor heroicidade do seu espirito , e estabelecer na observancia o infallivel premio da sua gloria.

He verdade , que tróca a soberania , e a grandeza do mayor Senhorio , pela sujeição da Obediencia , em que voluntariamente se prende ; as copiozas riquezas da sua magnifica casa , pelos apertos da mais rigorosa Pobreza ; os laços de hum illustrissimo , e venturoso Hymenêo , pelo preceito inviolavel da sancta Pureza; o throno , em que se eleva a fidalguia da terra , pela cruz , com que se abraçaõ os grandes do Ceo ; e a delicia das flores , com que o mundo lhe lisongeava os passos , pelo mortificante das chagas , para que a Religião lhe convida a constancia ;

e tal-

e talvez que esta tróca desafiasse a sevéra critica de huns , e a falsa compaixaõ de outros : mas he preciso para ser objecto especial do amor de Deos , ser assumpto da contradicçaõ do mundo, e conhecer, que o mesmo que na liberdade do seculo assusta os coraçãos mundanos , como horror , he o que na austerdade do claustro alegra as almas , como delicia ; porque o voluntario amplexo , com que se abraça a Religiaõ , faz deleitavel o caminho da cruz , que na realidade he penoso.

Este pensamento , de que pertendo compôr a materia do assumpto , he doutrina de S. Bernardo , que ensina ás almas , que seguem a Jesus Christo no caminho da Religiaõ , que a sua cruz naõ he rigorosa ; porque a graça de Deos , que as acompanha , dulcifica , e faz deleitavel a sua mortificação : *Verè crux nostra inuncta est per gratiam spiritus adjuvantis , suavis , & delectabilis est pænitentia nostra* ; porque como quem busca voluntariamente a Religiaõ , naõ aceita a cruz , como jugo , senaõ como ornamento , fica sendo para a sua alma delicia estimavel , a que se representa aos mais , como

S. Bernard.  
Serm. 1. de  
Dedic. Ec-  
cles.

como peso insossírvivel ; e se o premio do Ceo , com que Christo acaba o Euangelho , ha de crescer na grandeza da gloria , regulado pela medida dos merecimentos : *Redet unicuique secundum opera ejus* : nenhuma cruz parecerá pesada , e todo o martyrio da Religião se fará suave na esperança deste feliz premio ; e as austerdades do clauistro , que por fóra parecem mortificantes aos olhos do mundo , no gostoso amplexo da Religião , não só se suavisaõ para o peso , mas chegaõ a ser deleitaveis para o gosto : *Suavis , & delectabilis est pænitentia nostra.*

Esta consequencia , que deduzo da exposiçao do Euangelho , e da authoridade , e experiençia de S. Bernardo , he a materia , de que vou fazer o elogio da vida Religiosa , para canonizar a heroica resoluçao desta nova Esposa de Jesus Christo , e lhe mosrar a suavidade da cruz , que quer profesar na Religião. O diviniſſimo Sacramento do Altar , que com a sua adoravel presençia vem fazer magnifico , e solemne o sacrificio da sua Esposa , tambem lhe ensina esta doutrina , sobre que vou discorrer ; porque desprezando , e aniquilando naquelle Hostia toda a

substan-

subl  
cruz  
xaõ  
na  
por  
riæ  
trin  
taça  
çaõ  
ver  
Re  
fua  
Est  
me  
pri

T  
cru  
mc  
Cl  
tra  
dai  
M  
da  
do

substancia da terra , allì nos mostra huma cruz penosa ; porque representa a sua Paixaõ : *Recolitur memoria Passionis ejus* ; mas na realidade huma Bemaventurança feliz , porque he o penhor da gloria : *Futuræ gloriæ nobis pignus datur* ; e seguindo a doutrina do Cordeiro , de que he Esposa , a imitaçao de Francisco , de que he filha , e a liçaõ do Euangelho , de que he professora , verá na materia do discurso , que a cruz da Religiaõ , por que despreza o mundo , he suave , aindaque se representa mortificante. Esta he a deducçao do Euangelho , e o argumento do assumpto , que entro a provar ; e principio.

Faculdade de Filosofia

Clássicos e Letras

Biblioteca Central

**T**anto amou Francisco a cruz da Religiaõ , que instituõ , que depois de se crucificar nella para o mundo , desejava , como S. Paulo , crucificar-se nella com Jesus Christo ; e este serafico desejo foi tão penetrante ao coraçao do Filho de Deos , que dando ao Monte Alverne os privilegios do Monte Calvario , allì lhe imprimio , ornado da gala do amor , porque vestido das azas dos Serafins , aquellas mesmas Chagas , que tinha

tinha recebido pela maõ dos homens. Im-  
mensa foi a gloria , e a honra , que Francis-  
co recebeo nesta sagrada impressão ; mas taõ  
vivo foi o sentimento , e a dor , que lhe pe-  
netrou o espirito , que infallivelmente pade-  
ceria a morte , a naõ lhe sustentar a vida o  
mesmo , que lhe permittia o tormento , dis-  
pondo a altissima Providencia , que as mes-  
mas Chagas , que eraõ o melhor ornamento  
da sua gloria , fossem logo o mesmo incenti-  
vo da sua dor ; para que entendessemos , que  
era juntamente deleitavel , e gloriosa a mes-  
ma cruz , que na Religiao he mortificante ,  
e dolorida ; e nesta milagrosa confusaõ de  
martyrios , e de glorias mereceo Francisco  
as Chagas , em que recebia a vida , e expe-  
rimentava a morte , podendo dizer com mais  
propriedade , que S. Paulo , que era huma  
viva imagem do Redemptor ; porque no seu  
corpo tinha impressas em caracteres de san-  
gue as mesmas Chagas , que Jesus Christo  
recebeo na sua Cruz para redempçao do  
mundo : *Stigmata Domini Jesu in corpo-  
re meo porto.*

D. Paul. ad  
Galat. c. 6.  
n. 17.

Se agora fizermos a Francisco a mes-  
ma pergunta , que os Anjos fizeraõ no Ceo a  
Jesus

Je  
Cl  
nu  
saç  
pri  
riç  
arv  
e  
pri  
ao  
qu  
da  
fic  
ro  
ric  
fo  
ca  
as  
ca  
se  
ga  
pr  
to  
be  
ça  
gi

*da M. Maria Joaquina de S. Joseph.* 9

Jesus Christo , quando o víraõ com as suas Chagas : *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* Poderá responder-nos , que saõ os fructos , que lhe produziõ aquelle desprezo , que fez do mundo , e de todas as suas riquezas , que saõ as flores , que colheo na arvore da Cruz , que professou na Religiao ; e que saõ os premios , que mereceo pela profunda Obediencia , com que se prostrou aos pés dos homens , pela rigorosa Pobreza , que amou como sua esposa , e pela Castidade incontaminada , que o unio , e identificou com Jesus Christo. Este desprezo heroi co do mundo , e este sacrificio voluntario de si mesmo , com que Francisco professou na Religiao os seus tres votos , crucificando nella os affectos da vontade propria , as felicidades do mundo , e as rebeldias da carne , foraõ as sagradas premissas , de que se seguiu a consequencia das suas gloriosas Chagas ; e como este grande favor he hum dos privilegios , que Jesus Christo prometteo a todos os predestinados da filiaçao Serafica , bem pôde esta nova filha entrar na esperança , de que tambem conseguirá este privilegio ; porque segue a Jesus Christo pelo mes-

B

mo

20/5/09

mo caminho de Francisco , e pela sua mesma filiaçāo ; e se o naõ iguala na candidez da victimā , he sem dūvida , que o excede na grandeza do sacrificio.

Porque se Francisco tocado de huma graça interior para abraçar a voz do Euangelho , que produzio no seu espirito o movimento , e a resoluçāo da vida Religiosa , desprezou generosamente todas as fortunas do mundo , fazendo-se insensível ás persuasoēs do sangue , e ás queixas da natureza ; esta nova Esposa dotada do mesmo espirito Serafico , e movida da mesma voz de Deos , que foi a sua guia , e o seu oraculo , tambem fez generoso sacrificio , naõ de huma media na fortuna , que poderia consumir o tempo , mas das copiosas , e estaveis grandezas da Illustriſſima , e Excellentissima Casa , de que era filha , seguindo a vocaçāo de Deos , que a fez triunfar de todas as inclinaçōēs da natureza ; o amor divino , com que desprezou todas as persuasoēs do sangue ; e os conselhos do Euangelho , que lhe fizeraō conhecer todos os vaōs discursos do mundo. Se Francisco venceo todas as contradicçōēs , com que a politica dos pays o destinava para outro

*da M. Maria Joaquina de S. Joseph. II*

outro estado mais proficuo ás conveniencias da sua casa ; esta alma Religiosa naõ conhecendo mais conveniencia , que as da salvação ; mais politicas , que as do Ceo ; mais nobreza , que a da alma ; nem mais Esposo , que Jesus Christo , renunciou os laços do sancto Matrimonio , que lhe promettiaõ huma posteridade respeitavel a todo o mundo na primeira ordem da grandeza ; entendendo , que conferia mais honra , e mayor nobreza á sua antiga , e illustre casa em dar a Jesus Christo huma esposa do seu sangue , que em dilatar o seu sangue em huma posteridade , que chegasse ao imminente grão da mayor soberanía do mundo.

Se Francisco aspirante só dos bens do Ceo , naõ contente com abnegar todos os do mundo nas maõs dos seus parentes , e na flor da idade , em que lhe naõ faltavaõ fortunas , fez tambem a abnegação de si proprio , para que enchendo todas as clausulas do Euangello seguisse perfeitamente a Jesus Christo no caminho da Cruz , e da Religiao ; esta grande alma chêa do sagrado ardor da quelle espirito , para seguir a Jesus Christo com huma virtude perfeita no mesmo cami-

nho , e na Religiaõ com a mesma Cruz , abnegou ao mundo , e a si mesma : *Abneget semetipsum , tollat Crucem suam , et sequatur me ,* executando este sacrificio na face dos seus parentes , a quem as ternuras do amor fazem espalhar lagrimas em lugar de flores , quando se vem obrigados a conduzir ao altar , e ao sacrificio esta preciosa vítima , que consagraõ a Deos , naõ só na primeira estação da idade , que se ama , como a flor da vida ; mas despida de todas as soberanias , e de todas as galas , que lhe cortou o nascimento , e a fortuna , de que se formão os principaes idолос , que o mundo adora.

E que vos falta agora , venturosa Esposa de Jesus Christo , senaõ acabar pela gloria , o que tendes principiado pela graça ? E já que seguís a Francisco na vocaõ , e no amplexo da Cruz , fazei por imitá-lo no premio , e na impressão das Chagas , naõ só depois da morte , em que as mereceis , como privilegio de todos os filhos sanctos deste grande Pay , mas ainda na vida , a que deveis aspirar pelo amor , com que vos abraçais com Jesus Christo na cruz da Religiaõ.

Fa-

Fazei , que a constancia do vosso espirito conserve na Profissão aquella firmeza invariavel , que teve na entrada ; e aindaque os trabalhos da Religiao vos pareçaõ taõ mortificantes , quanto foraõ a Francisco as Chagas , como martyrios , tende entendido , que o amor de Deos as fará taõ suaves , quanto foraõ a Francisco as Chagas , como glorias ; porque este sancto amor he que adoça a cruz da Religiao , e suavisa os seus martyrios , como venho persuadir-vos nesta doutrina. Este foi o sagrado espirito , que fez ao N. P. suave , e gostoso o incrivel tormento , que padeceo na impressão das Chagas , e este será o que vos dulcifique todas as mortificações da cruz , que hides professar ; porque a este sancto amor , he que corresponde a graça de Deos , adoçando de tal sorte a cruz da Religiao , e fazendo taõ gostosas as suas mortificações , que diz S. Lourenço Justiniano , que se Deos deixasse conhecer a todos a suave doçura , e a grande felicidade da vida Religiosa , ninguem seguiria o mundo ; porque todos abraçariaõ o gostoso , e feliz estando da Religiao : *Consulto gratiam Religiosis Deus occultavit, ne si cognosceretur ejus*

S. Laurent.  
Justinian.de  
Mon. per-  
fect. cap. 2.

*ejus felicitas omnes ad eam configerent.*

Eu naõ intento persuadir que este esta-  
do he huma vida suave sem tormentos , feliz  
sem trabalhos , gostosa sem mortificações ;  
porque como he cruz , precisamente ha de  
ter martyrios , e na consideração dos SS. PP.,  
a vida Religiosa he hum martyrio continua-  
do ; porque naõ he outra coufa mais que  
huma fiel imitação de Jesus Christo , com  
que trazendo no nosso corpo as suas mortifi-

D. Paul. 2.  
ad Corinth.  
c. 4. n. 10. cações , como nos aconselha S. Paulo , po-  
demos dizer com David , que somos huma  
víctima continuada , que executamos o quo-  
tidiano sacrifício da nossa vida nas aras do  
martyrio , em que nos consagramos a Deos :

Psalm. 43.  
n. 22. *Propter te mortificamur tota die , æstinati-  
sumus sicut oves occisionis ;* mas esse mesmo  
martyrio , com que huma alma mortifica as  
suas paixões em obsequio do Esposo Divi-  
no , a quem ama , este he o gosto , que mais  
lhe dilata o coraçao ; porque o amor do ob-  
jecto , por quem se padece , faz gostoso o  
rigor dos martyrios , porque se passa. Esse  
mesmo sacrifício quotidiano , com que lhe  
consagra a vida , he o mayor jubilo , que lhe  
deleita a alma ; porque no amor verdadeiro ,

he

he mais activo o gosto , que tem em amar ,  
que todos os tormentos , que padece em  
servir.

Fundada nesta razaõ he que dizia aquela  
Esposa dos Cantares ( que deve ser o ex-  
emplar de todas as esposas de Jesus Christo ) ,  
que se reclinava gostosa entre flores , quan-  
do se abrasava violenta entre chamas ; por-  
que aonde a noſſa vulgata tem : *Fulcite me*  
*floribus* , lê Gislerio , seguindo o rigor do  
Hebraismo : *Fulcite me ignibus*. E aindaque  
este estilo de fallar naõ se ajusta ao noſſo  
modo de comprehendender ; porque parece in-  
compativel o regular-se entre flores , que  
docemente suavisaõ , com o padecer entre  
chamas , que rigorosamente atormentaõ ,  
fica claro o seu conceito no activo , e per-  
feito amor do seu Divino Esposo , que lhe  
abrasava o coraçao : *Amore langueo* ; por-  
que este sagrado objecto , por quem padecia ,  
de tal sorte lhe suavisava os tormentos , que  
o mesmo fogo , em que se sacrificava , era  
delicia , em que vivia : sim padecia , porque  
o amor naõ tira o sensitivo ; mas o gosto de  
padecer pelo seu Esposo a fazia estimar , co-  
mo flores , para a delicia da sua alma , o que  
pade-

Cant. c. 2.  
n. 5.

Gisl.ib. ex-  
posit 2. cit.  
E. fol. 276.

padecia, como chamas, para a mortificação do seu corpo; e este amor, em que se abrasava aquella alma sancta, Esposa de Deos, he o que devem imitar todas as almas, que querem ser sanctas, e verdadeiras esposas de Jesus Christo; e logo o martyrio quotidiano da sua vida será huma continuada delicia da sua alma; e as chamas, em que se sacrificão amantes: *Fulcite me ignibus*, se converterão em flores, com que se recreem gostosas: *Fulcite me floribus.*

Estas são as flores, que produzem os espinhos da Cruz de Jesus Christo, com que se abraça esta nova esposa, para o seguir no caminho da Religião, que se resolve a professar; e aindaque sabe, que todas as flores da cruz são martyrios para o tormento, o seu perfeito amor lhas faz contemplar, como Angelicas, para o jubilo; e a Cruz, que foi theatro de penas para a morte do Esposo, será tháalamo de flores para a delicia desta esposa; que assim lhe faz entender aquella alma sancta, que com a experiencia das felicidades, que gozou nesse sagrado desposorio, diz que o seu tháalamo era composto de fragrâ-

grantes, e de suaves flores: *Lectulus noster floridus.* Bem conhacia a Esposa nas mortificações, que experimentou, que este thalamo era a Cruz de Jesus Christo, como explica o Cardeal Hugo: *Crux autem lectus dicitur* Hug. ibi; mas o amor de Deos por quem as padecia, de cada mortificação lhe compunha huma gloria, e de cada espinho lhe brotava huma flor, com que vinha a ser fragrante, suave, e doce para o seu gosto, a mesma cruz, que era dolorida, pesada, e mortificante para o seu tormento.

Ex-aqui, ó venturosa alma, o como experimentareis deleitavel a mesma cruz, que vos será mortificante: nella vos haveis prender com os tres votos, que saõ os tres cravos com que vos hides crucificar; mas como a esta cruz, e a estes cravos chama a Igreja doces: *Dulce lignum, dulces clavos*, porque Jesus Christo os padecia pelo amor de nós, com mais razão devem ser doces para vós, porque os padeceis pelo amor de Deos: e se a Religiaõ he cruz, como ja dissemos, nesta cruz em que vos quereis sacrificar a Deos, para que lhe seja mais grata, e mais estimavel a victima, que lhe consagrais, de-

veis imitar ao vosso Esposo, que para fazer na Cruz o sacrificio mais grato para o seu Eterno Pay, mais proficuo para as nossas almas, e mais heroico para o seu amor, observou até á morte huma profunda obediencia, entregando-se á vontade dos homens:

**D** Paul. ad Philipens. cap. 2. n. 8 **M**attth. cap. 27. n. 31. *Factus obediens usque ad mortem*; huma rigorosa pobreza, despindo-se de tudo o Senhor universal de todas as coisas: *Exuerunt eum*; e huma pureza tão sublime, que he o exemplar, e o prototypo desta virtude; e imitando até á morte esta santa obediencia, esta pobreza euangelica, esta pureza Divina, com aquelle heroico amor, com que se deve dispôr huma alma, que se prepara para Esposa de Jesus Christo, naõ só executareis o sacrificio mais grato para Deos, e mais proficuo para a vossa alma; mas conheceris com a propria experientia, que os cravos com que vos sacrificais pelos tres votos, perdem a natureza de ferro, com que ferem para a mortificaçao; e só conservaõ a qualidade de flores, que produzem para o recreyo, e que a cruz sendo a pena, e aro do mayor sacrificio, converte em doçura suave para o gosto a innata amargura, que tem para o tormento.

E com

E com esta certeza, brevemente podeis dizer com a Esposa dos Cantares, que ja descançada pela profissaõ á sombra da arvore da cruz, que tantos desvéllos deveo ao vosso desejo, naõ haverá nella fructo, que naõ seja doce para o vosso gosto: *Sub umbra illius quem desiderabam sedi, et fructus ejus dulcis gutturi meo;* e seguindo o espirito de S. Paulo direis gostosa, que ja lograis a gloria, por que suspirava o vosso amor; pois nada vosserá nem mais alegre, nem mais glorioso, que a Cruz de Jesus Christo, com que vos abraçais pela profissaõ: *Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi;* e ao meyo das tribulações da vida humana, gozareis das delicias de huma vida celeste, que esta he a definiçaõ, com que S. Gregorio Nazianzeno explica as felicidades do estado Religioso, e com a sua authoridade, estas saõ as que eu contemplo neste religiosissimo Mosteiro, em que se me representa hum cõro de Anjos mortaes, que imitaõ na terra as Intelligencias do Ceo; porque naõ se occupando mais que em louvar a Deos, só amão ao seu Creador, só estimaõ as virtudes, só adquirem os bens

Cant. c. 2.  
n. 3.

D. Paul. ad  
Galat. c. 6.  
n. 14.

C 2 espi-

espirituas, e fazendo-se invisiveis a todo o resto das criaturas na estreita observancia da mayor clausura, gozaõ as doçuras de huma santa paz, em que vivem com gosto, e morrem com alegria; porque o seu Esposo adocando-lhe as mortificações da Cruz, que professaõ, está executando em seu favor o que promette por David aos seus escolhidos: *Cum ipso sum in tribulatione, eripiam eum, & glorificabo eum.*

Psal. 90.  
n. 15.

Eu (diz Deus pelo Profeta) permitto as mortificações para prova, e para merecimento das almas a quem amo; mas nessas tribulações não só lhes assisto, mas também as ajudo; e quando se julgaõ mais opprimidas, então lhes allivio os trabalhos, e lhes converto em gloria os martyrios: *Eripiam eum, & glorificabo eum*: as almas, que são da minha escolha, e da minha particular vocaçaõ, deixo purificá-las nas mortificações, como o ouro na fragoa: *Tanquam aurum in fornace probavit electos Dominus*; mas isto não he rigor, he providencia, para que tocando mais quilates de merecimento, lhe confira mais gráos de gloria; porque para conseguir a felicidade do triunfo, he necessaria

*da M. Maria Joaquina de S. Joseph.* 21

ária a tolerancia da batalha ; para alcançar a gloria da coroa , he precisa a constancia do trabalho , que naõ ha palmas sem espinhos , nem gloria sem caliz. Esta verdade he taõ pura , que he a mesma doutrina , que Jesus Christo ensinou ao mundo no despacho dos filhos de Zebedeo ; porque pedindo-lhe a sua gloria , e o seu Reyno : *Dic ut sedeant* Matth. cap. 20. n. 21.  
*hi duo filii mei in Regno tuo* , lhe offereceo a mortificaçao do seu caliz , em que S. Jernymo entende os rigores do martyrio , os trabalhos da vida , e as mortificaçoes do corpo ; porque haviaõ passar : *Potestis bibere calicem , quem ego biberetur sum ?*

Bem poderá ser , que aos mundanos pareça , que teve muito de rigor esta reposita de Christo , e que foi grande desabrimento o condemnar por necedade huma pculaçao taõ virtuosa : *Nescitis quid petatis* ; porque se aquella gloria havia ser o premio da heroicidade , com que deixáraõ tudo do mundo : *Ecce nos reliquimus omnia* ; Matth. cap. 19. n. 27.  
se o mesmo Christo lhes aconselhava o pedir , para a ventura de alcançar : *Petite , et accipietis* : parece que naõ devia condemnar-  
lhes por ignorancia , o que lhes praticava co-  
mo

mo doutrina ? esta he a philosophia dos mundanos ; mas os que seguem a Theologia do Euanghelho , sabem conhecer , que supposto que aquelles Apostolos tinhaõ deixado tudo do mundo , para professarem no Apostolado a religiaõ mais austera , mais pobre , e mais penitente , ainda naõ tinhaõ bebido o caliz do martyrio , nem padecido os trabalhos , e as mortificações da cruz deste vida religiosa , que a professavaõ ; e para conseguir aquella consequencia da gloria , eraõ indispensaveis estas premissas do caliz , que deve beber com gosto , quem professa esta vida , naõ só como disposição para merecer o throno da gloria , mas como agradecimento á graça de Deos , que lhe fez a vocaçao para este estado , como nos faz entender o Propheta Rey : *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi ! calicem salutaris accipiam* , com que hei-de pagar a Deos as graças , que lhe devo ? senão em beber com gosto o caliz , que reparte comigo.

Psal. 115.  
n. 13.

Este he o caliz do Esposo , que a nova Esposa quer participar , e para que se offerece gostosa na sua profissão ; esta he a

Cruz

d  
Cru  
aria  
em  
sem  
naõ  
moi  
liz ,  
ca d  
da c  
vira  
que  
insc  
noi  
a v  
cru  
do  
o t  
qu  
pa  
e e  
str  
pa  
to  
re  
nl

Cruz de Jesus Christo , que abraça voluntaria no seu novo estado para a naõ largar , em quanto viver , como quem conhece , que sem este caliz naõ ha throno , e sem esta cruz naõ ha gloria ; e a graça de Deos , que a chamou para a Religiao , lhe dulcificará este caliz , para que olhaõ os mundanos com tanta displicencia , e com tanto horror : Cuida o mundo como os Israelitas , que nunca viraõ a terra da Promissaõ , senaõ de longe , que o estado religioso he huma escravidaõ insopportavel ; que a clausura he carcere penoso ; que a toalla he jugo insoffrivel ; que a vida religiosa he morte tyranna , tanto mais cruel , quanto mais permanente ; e segundo a sua idéa naõ he a profissao , mais que o triste , e tragico funeral de huma pessoa , que ainda viva , se sepulta voluntariamente para sempre passar em tristeza , em lagrimas , e em arrependimento.

Mas as almas , a quem a graça illustra , e vem de perto a terra da Promissaõ , para que Deos as chama , conhecem , que todos esses horrores saõ monstros , que se representaõ á imaginaçao dos que naõ conhecem a doçura da vida religiosa. He verdade ,

dade , que para chegar á Promissão da Glória , he necessario passar mares , atravessar desertos , combater inimigos , e sopportar trabalhos ; mas Deos que conhece o heroi-co espirito , com que he servido destas almas , que o amaõ , como suas esposas , sabe o segredo de aplainar em seu favor os passos mais difficultosos , que lhe fazem aspero o caminho da Religiao , e de adoçar para o gosto , e para a suavidade , o que se lhe re-presenta mais amargo , e mais ingrato pa-ra o soffrimento ; e no meyo da fornalha de hum fogo purificante que abrasa , lhes faz sentir a doce respiraõ da graça , que as suaviza , como orvalho do Ceo , que vem mitigar os ardores do fogo , unindo as penas do Calvário com as glorias do Thabor , pa-ra que o caliz dulcifique o amargo para o gosto , e a cruz diminua o peso para o jugo.

Este he o mysterio , que faz muito differente o jugo da Religiao , que professa huma alma , do jugo do mundo , a que somettem as créaturas ; porque o do mundo he hum peso insopportavel , que as prostra na terra até as sepultar no inferno ; e o da Religiao , he huma sujeiçaõ suave , que nos eleva

eleva ao Céo até nos introduzir na gloria ; de que os Santos Padres tiraraõ o fundamento , com que se explicaõ neste ponto , pela comparaçaõ das aves ; porque as mesmas pennas , que lhes servem de peso , lhe compõem as azas com que formaõ o voo , regulando-se de tal sorte a ligereza , com que as azas se elevaõ , pelo peso das pennas com que o corpo se opprime , que quanto mais saõ as penas , que sopportaõ , tanto saõ mais ligeiros os voos com que sóbem. Esta he a comparaçaõ , que acho mais propria , para explicar o peso da vida religiosa : sim tem penas , que mortificaõ , mas destas pennas he que formaõ as azas , com que se voa para Deos : he verdade , que as azas formaõ huma cruz , quando se abrem para o voo , mas quantas mais saõ as penas , que compõem a cruz , tanto he mais ligero o voo ; com que sóbem as azas ; e como na Religiao não ha peso , a que a graça de Deos não facilite ; como não ha penas , que não sirvaõ de meyo para fazer mais leve a cruz , por isso o jugo , que no mundo opprime , na Religiao sublima ; e a cruz de que fogem os mundanos , porque o seu

D peso

peso se lhes faz insopportavel , he a mesma , que multiplicaõ as almas religiosas , porque as suas penas lhe saõ deleitaveis.

*Isaias c. 6.*

*Castilh. de  
vestib. A-  
aron. v. 37.  
illat. 245  
n. 24.*

Aquelles Seraphins do throno , que no nome , e no exercicio representaõ as almas religiosas , que sempre servem , e assistem ao throno de Deos na profissão do Instituto Serafico , diz o Padre Castilho , que na disposiçaõ das seis azas , de que se compunhaõ , formavaõ tres cruzes , com que voavaõ : *Unusquisque tres cruces effigiebat* ; e taõ activo era o gosto , com que se sacrificavaõ naquellas penas , que para sempre continuarem no amplexo das cruzes ; nunca cessavaõ no movimento das azas : *Vocabant* : pois seraficos espiritos , se nesses voos , com que subis , compondes tres cruzes , em que vos sacrificais , para que fazeis obsequio aos martyrios na repetiçaõ dos voos ? haõ-de as azas multiplicar as cruzes , no exercicio das penas : *Crucis effigiebat* ; e vós haveis repetir as cruzes na multiplicidade das azas : *Sex alæ uni , sex alæ alteri* : sempre voando impacientes , com tanto gosto de padecer , que nunca tendes socego nos voos , para nunca teres descanso

nas

nas cruzes : *Volabant* ? Sim ; porque eraõ Seraphins , e nas suas tres cruzes se figura-vaõ os tres votos da Religiao , e quem se sacrificia a Deos neste feliz estado , taõ suave lhe he a cruz , com que se abraça , que o descanço he o seu martyrio , porque o pa- decer , he todo seu gosto.

Este exemplar dos Seraphins, que prova todo o conceito do assumpto, deve fazer toda a consolaçāo desta alma, conhecendo claramente, que a cruz que professa, e com que segue a Jesus Christo, nem he pesada, nem he mortificante; naō he pesada, porque as penas, de que se compõem quando a representaçāo grande, a fazem leve; naō he mortificante, porque o amor, com que se abraça, faz que os martyrios de huma cruz, seja suave attracçāo para o desejo de outra, e que todas sejaō gostosas, quando parecem mortificantes. Eu naō digo, que a vida Religiosa he sem mortificações, porque seria desfigurar este estado, o querer pintá-lo sem espinhos; digo que o orvalho da graça, que o Ceo continuamente distilla sobre o claustro, converte em flores, que recreaō os espinhos, que morti-

ficaõ ; porque a doçura da alma só se acha na mortificaõ do corpo : digo , que o amor com que se abraça este estado , faz , que seja gostosa para o coraçao a cruz , que na realidade he pesada para os hombros ; porque o heroico amor , que sómette a alma á sujeiçaõ dos votos da Religiao , lhe faz gostosas as cruzes , em que se sacrificia a Deos.

As tres cruzes , que formavaõ os Seraphins , e em que se consideraõ os tres votos da Religiao , compunhaõ-se com as duas azas , que vendavaõ o rosto , com as duas que cobriaõ o peito , e com as duas , que encobriaõ os pés ; e sendo estas as penas , em que os Seraphins se sacrificavaõ gostosos por obsequio da Magestade Divina a quem serviaõ ; estas vem a ser as cruzes , em que esta alma vay sacrificar-se a Deos , pela sua profissão , e seraõ os voos com que suba ao Ceo pela sua observancia ; e a graça , que lhe formou as azas , com que voou alegre do mundo para a Religiao , lhe fara gostosas estas cruzes , com que suba da Religiao para o Ceo. Na primeira cruz crucifica os passos , para que presos pela obediencia ,

diencia , só se moveão ás ordens dos seus superiores , e como pelo grande amor desta sujeiçāo , he que desprezou todas as liberdades do seculo , precisamente lhe ha de ser suave , porque he o gostoso complemento dos seus bons desejos. Na segunda cruz crucifica o coraçāo , para que morto para os bens temporaes , viva na pobreza Euangelica , que só olha para os bens eternos ; e como este affecto foi voluntario , ainda quando despersuadido , he sem dúvida , que esta cruz lhe ha de ser gostosa , porque foi eleiçāo do seu amor. Na terceira cruz crucifica a face , porque escolheo este virtuoso Mosteiro , em que as Religiosas nem vem , nem saõ vistas do mundo ; e como nèsta solidão só se olha para Deos , esta cruz lhe será tanto mais deliciosa , quanto mais aspera das criaturas a quem deixa , para a unir com os Anjos a quem busca.

E desta forma multiplicando as cruzes da Religiaõ , para repetir as delicias da alma , vivirá feliz , e constante nos exercicios da vida contemplativa ; e voará gostosa , e ligeira nos ministerios da vida activa , que esta he a liçaõ , que lhe continuaõ os Sera-

phins do throno , de quem diz o texto , que estavaõ , e juntamente voavaõ : *Stabant :::*  
*& volabant* : e como o socego , que he des-  
 canço , se oppõem ao voo , que he movi-  
 mento , para S. Bernardo unir esta contra-  
 dicçaõ , diz , que a estaçaõ mostrava a sua  
 estabilidade , e o voo indicava a sua alegria :  
*Credo autem sic in statione immutabilita-*  
*tem , sic & in volatu alacritatem promitti* :  
 de que venho a inferir a firmeza , alegria , e  
 agilidade , que aquelles Seraphins do throno  
 estavaõ ensinando a este Seraphim da terra ,  
 em todos os passos da vida activa , e con-  
 templativa , que hoje professa ; porque se o  
 estar diz socego , aqui lhe ensinaõ os exer-  
 cicios da vida contemplativa , em que ha de  
 ser constante , e estavel na oraçaõ , na dis-  
 ciplina , e no Côro : *In statione immutabi-*  
*litatem* : se o voar diz movimento , e ale-  
 gria , aqui lhe ensinaõ os ministerios da vi-  
 da activa , em que ha de voar alegre , e di-  
 ligente nos Officios da Communidade , na  
 assistencia das enfermas , e em todos os em-  
 pregos servis da Religiao : *In volatu ala-*  
*critatem* : com humas azas se ha de enco-  
 brir aos olhos do mundo , crucificando-se

com

S. Bernard.  
Serm. 4. de  
verb. Isaias.

com Jesus Christo : *Duabus velabant* ; com outras ha de voar no serviço da Religiao , crucificando-se nos seus trabalhos : *Duabus volabant* ; mas sempre com alegria , como quem preferio o gosto deste estado , que professa á grandeza daquelle estado , que rejeitou , e sempre em jubilo , como quem sente a alegria espiritual da alma , nas mortificações exteriores do corpo : *In volatu alacritatem.*

Mas para que he buscar no Ceo Emypyreo o exemplo dos Seraphins para a vossa erudiçao , se neste céo mystico , em que hides professar , tendes em cada Religiosa hum espirito Serafico para muitas liçoes ; porque nesta eschóla da santidade todas saõ mestras , e qualquer genero de virtude , que quizeres exercitar , aqui tendes grandes modélos para a imitação ; e seguindo de cada huma o que vos parecer mais edificante , e mais imitavel , de humas aprendereis a paciencia inalteravel , e a humildade profunda , de outras a obediencia cega , e a caridade ardente , e de todas o amor de Deos , e das virtudes , com que sempre alegres nas mortificações , e gostosas nas austeridades ,

fe.

seguem amantes ao Cordeiro Eucarístico ,  
de quem saõ Esposas , e que hoje vem cele-  
brar com vosco este sagrado desposorio , re-  
cebendo-vos alegre no seu thálamo , como  
huma nova Esposa , que se lhe consagra nos  
laços de hum perpetuo , e verdadeiro amor ,  
como nos faz entender S. Maximo : *Sacra-  
mentum est sponsus , qui vadit ad nuptias ,  
novam sibi perpetuæ virginitatis sponsam  
facturus* ; sendo o dote que traz esta ven-  
turosa Esposa , o muito que deixou pelo  
amor do seu Esposo , para abraçar a pobre-  
za Euangelica , a profunda obediencia , com  
que faz huma inteira abnegaçāo de si pro-  
pria , e a pureza perpetua , que fará indiffo-  
luvel o laço do amor Divino ; servindo-lhe  
de thálamo para o desposorio a cruz da Re-  
ligião , que vay professar , na qual merece o  
o N. P. S. Francisco a gloria das suas Cha-  
gas , e merecerá esta nova Esposa de Jesus  
Christo repetidos favores do Ceo ; porque  
abnegrando o mundo , e a si propria , se  
abraça com a cruz da Religião , para seguir  
por toda a vida ao seu sagrado Esposo , que  
lhe encaminha os passos , naõ só com ex-  
emplo da sua vida , mas tambem com a dou-

trina

S. Maxim.  
Huml. I.  
de Eucha-  
rist.

trina do seu Euangelho : *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me.*

Estas saõ as excellencias da vida religiosa , tanto mais feliz para a alma , quanto parece mais mortificante para o corpo ; este he o caminho da cruz , em que os espinhos produzem flores , e os golpes , que maltratão , saõ chagas , que glorificaõ , sendo a vocaçao que Deos faz a huma alma para este feliz estudo , o signal evidente , de que tem particular cuidado sobre a sua salvaçao ; e com esta certeza abraçai , venturosa Esposa de Jesus Christo , abraçai com gosto a Cruz do vosso Esposo ha tanto tempo suspirada do amor , que lhe tendes ; e vendo completo o vosso desejo , e o vóiso desposorio , dizei ao mundo o ultimo a Deos para sempre :

Mundo falso , mundo enganador , sabe que te deixo com alegria , porque nunca te vi com gosto , conhecendo que a distinçao dos titulos , e das grandezas , de qüe me dotastes , naõ saõ o caracte com que Deos signála os seus escolhidos ; porque estes obsequios da fortuna , saõ muitas vezes a ori-

gem

gem para a perdição das almas ; a vocação que Deos faz a humana ~~creatura~~ para o seu se-quito no caminho da cruz , esta sim , esta he a destinação , e a nobreza, de que deve li-songear-se huma alma catholica. Ví as tuas grandezas , e conheci que não exhalaõ mais que o ar da vaidade , e da soberba para perdição das criaturas ; tenho experimentado as da Religiao , e conheço , que tudo he nobre , tudo he santo , e tudo respira o ar da Magestade Divina a quem se serve. Seja louvado , Senhor , a infinita misericordia , que usaste commigo , tirando-me das confu-foes do seculo , para me conduzires para as delicias deste Paraíso tão appetecido da mi-nha alma , como vós sabeis na penetração que tendes de todos os corações ; e ja que na vocação que me fizeste para este estado , me distinguiste das mais criaturas , que ain-dá ficaõ no mundo , não permittais que eu seja confundida na massa dos reprobos. Ja que me tiraste do Egypto , fazei com que me não perca no deserto ; e para que acer-te o caminho da Promissão da gloria , para que me chamais , sejaõ os vossos santos au-xilios a columna , que me guie ; o vosso ado-

*da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 35*

adoravel corpo o manná que me sustente ;  
a vossa sagrada Cruz a vara que me metta  
na terra da Promissão : assim confio na vos-  
sa infinita bondade , por que como conhe-  
ço que me chamou a vossa graça , devo  
esperar que me façais merecedora da vossa  
Gloria. Amen.

F I M.

Faculdade de Filosofia  
Ciências Sociais  
Biblioteca Central



3315109



Memoranda of Expenses  
Chambers  
Bills

M. I. T.